

O ESPAÇO MÍTICO EM NARCISO

*Flávia Regina MARQUETTI**

O que pretendemos discutir nessa comunicação é se a leitura do espaço mítico em Narciso pode ser vista como um ritual de passagem, como uma manifestação do sagrado, ou seja, se há a possibilidade de ver o espaço em Narciso como uma hierofania fundadora do mundo.**

Segundo Mircea Eliade, em *O Sagrado e o Profano* e no *Tratado de Historia de las Religiones*, para o homem religioso o espaço não é homogêneo, ele se divide em espaço sagrado e não-sagrado. O espaço sagrado corresponde a um espaço **forte**, que marca o **real**, enquanto que o espaço não-sagrado (profano) corresponde a um espaço **amorfo**, informe - **não-real**, portanto.

Em Narciso temos a revelação de uma realidade

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

** A versão do mito com a qual trabalhamos é a que Narciso se joga na fonte para alcançar seu amado, e não a que Ovídio apresenta em sua obra *Metamorfose*.

de absoluta por meio do espaço.

Como bem observou o Professor Ignácio em seu artigo A Metamorfose de Narciso (2, p. 57-71), Narciso sai de um espaço aberto que é o bos que (de campos ínvios, sem caminhos) para um espaço fechado - a fonte. Temos, assim, um deslocamento horizontal direcionado, que o leva de um lugar inóspito a um lugar "atraente", o que, na verdade, não é um simples deslocamento, mas uma sedução.

Ainda seguindo os passos do Professor Ignácio, nós temos que Narciso é impelido pelo sol, pela sede e pela caça para a fonte (*), sen

* Segundo Eliade a escolha de um lugar sagrado não cabe ao homem, mas sim a uma manifestação da divindade, ou seja, a divindade indicaria ao homem por meio de presença de um animal consagrado a ela, ou de qualquer outro símbolo, o sítio que deve ser consagrado; o uso de animais selvagens ou domésticos é muito frequente para a determinação do espaço. Assim, Narciso que persegue um animal selvagem, é levado por ele e pela sede, que a divindade lhe incute, para a fonte. (1, cap. 10)

do atraído pela beleza desta, pelo amor ao belo e à aparência. E será em função de outra aparência que ele irá se fixar no local, ou seja, a paixão por sua imagem. Como vemos, é por meio da sexualidade que Narciso vai entrar em comunhão com o sagrado.

Num primeiro momento, temos Narciso/profano solto, sendo que o bosque é o símbolo dessa não-sacralidade e que pode ser caracterizado como espaço terrestre, ilimitado, transpassável, quente, iluminado, enxuto - é o espaço informe da liberdade.

Mas nenhum mundo pode nascer no caos da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. Vale lembrar que há no homem uma necessidade básica de estabelecer os limites de seu mundo, ou seja, de fundá-lo. E é isso que ocorre com Narciso: através de Eros, ele vai criar seu "cosmos".

O Narciso profano encontrava-se solto, sem um ponto fixo, perdido numa massa amorfa de uma infinidade de lugares mais ou menos neutros, até o momento em que entra em contato com Eros, com sua imagem; é a partir daí que nós teremos a fundação do mundo de Narciso, que ele irá estabelecer um centro, um ponto fixo.

Narciso na fonte se encontra bloqueado, re

tido. A fonte é um espaço que se opõe ao bosque, pois é aquático, limitado, intranspassável (embora permeável), frio, translúcido e úmido - é o espaço da não liberdade, da prisão. Desse modo, observamos que num primeiro momento nós tínhamos Narciso sem um ponto fixo, desconhecendo o amor e com uma inexistência do mundo - que vive uma irrealdade. No segundo momento, quando ele conhece o amor, ele estabelece um ponto fixo, funda o mundo e passa a ter uma vida real.

O que determina a passagem do primeiro momento para o segundo é o espelho d'água e a visão. A fonte é o limite, o limiar desses dois espaços (sagrado e profano), é o ponto de passagem de um modo de ser a outro.

A fonte é a fronteira que distingue e opõe dois mundos, é o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam e onde pode efetuar-se a passagem do mundo profano para o Sagrado. E é o olhar que vai possibilitar essa passagem. De acordo com Muniz Sodré em *A Máquina de Narciso*, o amor é visão dividida, ou seja, o olhar é um caminho para a fusão com o outro, é uma forma de possuir e ser possuído. E como já dissemos, é a sexualidade que irá criar o "cosmos" em Narciso.

A fonte não é só um veículo de passagem,

mas também é uma abertura para o contato com o mundo superior e as regiões infernais, é um meio de comunicação com os deuses, os deuses do alto; haja vista, que o céu também é refletido no espelho d'água junto com a imagem de Narciso. Ao mesmo tempo, o espelho d'água esconde as regiões infernais, as profundezas.

Observamos, assim, que o movimento que apresentava uma horizontalidade passa a uma verticalidade, e essa verticalidade assume proporções ainda maiores quando Narciso mergulha na fonte em busca de sua imagem. Teríamos, desse modo, a constituição de um rito de passagem.

Bosque	-----	Fonte	-----	Espelho
			fixo	
	liberdade/solto			d'água

A água, segundo Eliade (1, cap. 7-10), é a representação do **caos**, ou seja, a modalidade pré-formal da matéria cósmica - é o mundo da morte, de tudo que precede a vida e a segue. É um símbolo de poder, eficiência, fonte de vida e de fecundidade. A água é a substância primordial da qual todas as formas nascem e à qual voltam, por

regressão ou cataclismo (*).

Narciso, enquanto profano, recusa os contratos humanos, ou seja, não aceita a vida religiosa e cultural de sua comunidade. Mas quando mergulha em busca de sua imagem ele estabelece uma mutação do seu regime ontológico.

Vemos, em Eliade (1, p. 145-147), que o homem das sociedades primitivas não se considera "acabado" tal qual se encontra no nível natural da existência. Para se tornar homem propriamente dito, deve morrer para esta vida primeira (natural) e renascer para uma vida superior, que é ao mesmo tempo religiosa e cultural.

A iniciação consistiria, assim, em uma experiência paradoxal, sobrenatural, de morte e ressurreição, ou segundo nascimento. Percebemos, com isso, que o mito de Narciso obedece às eta

* Narciso é filho do deus-río Céfiso, portanto nasceu literalmente da água, e morre ao atirar-se na fonte, retornando ao elemento, que para os gregos era o único capaz de desintegrar a alma. Sendo assim completa um ciclo.

(1, p. 215-216)

pas que compõem a iniciação, ou seja, contém uma tripla revelação: a da sexualidade, a do sagrado e a da morte. Essa tripla revelação deveria levar Narciso de um estado de não-saber, a um estado de sáber.

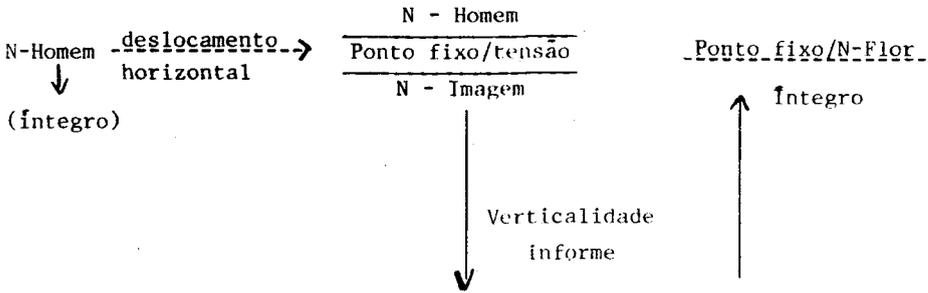
Nos quadros iniciáticos, o simbolismo do renascimento segue sempre o da morte. Considerando a hipótese de correlação do mito com os rituais de passagem, a passagem de Narciso pelo espelho d'água é uma passagem do virtual para o formal, da morte para a vida, pois o caos aquático que precedeu a criação simboliza, ao mesmo tempo, a regressão ao amorfo efetuada pela morte e o regresso à modalidade larvar da existência. Narciso desce para as regiões inferiores, regiões desconhecidas, sobre as quais se estabelece o nosso "cosmos". Como iniciado reconhece que o verdadeiro mundo situa-se no meio, no centro, porque é aí que há a ruptura de nível, portanto, comunicação entre as três zonas cósmicas. E é esse equilíbrio que se estabelece entre as três zonas que caracteriza o cosmos perfeito.

No final, sua metamorfose em flor expressará a manifestação do "cosmos", a atualização da criação - o feito de estabelecer-se por sobre as águas.

Vale lembrar que as plantas concentram a fonte da vida, assim como a água é portadora de microrganismos, e, portanto a modalidade humana se encontraria nelas, em seu estado virtual, sob a forma de germes e sementes.

O real não é apenas o que perdura indefinidamente igual a si mesmo, mas também o que advém de formas orgânicas, cíclicas e que convergem a um mesmo fim. A vegetação apresenta-se como a manifestação da realidade vivente; em decorrência disso, poderíamos dizer que Narciso-Flor se converte em uma hierofania, isto é, encarna e revela o sagrado.

Podemos assim estabelecer o deslocamento de Narciso como cíclico: Narciso-homem parte de um deslocamento horizontal, momento em que o temos íntegro e bem formado/belo, estabelece um ponto fixo ao deparar-se com sua imagem, criando um momento de tensão entre Narciso-homem e Narciso-Imagem que culminará na verticalidade do movimento; é onde encontramos Narciso informe, tocado por Eros; posteriormente retorna, como Narciso-Flor, ao ponto fixo, horizontal, novamente íntegro/belo.



Denis Bertrand destaca em *L'Espace et le sens-Germinal* d'Emile Zola que o actante, sujeito da enunciação, promove seu espaço e lhe dá um sentido, ao mesmo tempo que essa espacialidade apresentada funda o sujeito. Portanto, o espaço pode ser entendido como o ponto de origem do Sujeito.

Se passarmos agora, para finalizarmos, para o universo cultural grego veremos que com relação à realidade social do homem e da mulher ocorre uma inversão de papéis no mito de Narciso. Na Grécia, a mulher teria seu modelo na divindade Hestía, que é fixa e ocupa o centro do lar; ao passo que ao homem é reservado o espaço periférico, do deslocamento, que é associado, por sua vez, ao deus Hermes. Em Narciso, vemos que a figura de Narciso (masculina) se encontra fixa num centro, enquanto Eco, a Ninfa (feminina) ocu

pa o espaço periférico e de deslocamento.

Com esta observação, podemos voltar ao rito de passagem. Do ponto de vista formal, o mito possui todas as etapas do ritual iniciático, mas em nível de significado traduz uma iniciação frustrada. Narciso, ao contrário do que é esperado nos rituais de iniciação não desiste de sua individualidade, e em decorrência disso não pode servir à comunidade nem como Xamã, nem como homem adulto da sociedade. Ao contrário do neófito que volta e se doa à sociedade, ele mergulha na morte para buscar sua própria imagem, da qual não consegue se desprender. Narciso sofre o que podemos chamar de uma **entropia**, daí o fato de sua volta, de seu renascimento não se dar nem sob a forma de homem, nem sob a forma de deus, mas sim de Flor; Narciso é reintegrado à natureza porque não conseguiu realizar a troca necessária com a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ELIADE, M. *O sagrado e o profano: essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, 1955.
2. SILVA, I.A. da. A metamorfose de Narciso. *O Cruzeiro Semiótico*. Rev. da Associação Portuguesa de Semiótica, n. 9, p. 57-71, jul. 1988.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BERTRAND, D. *L'espace et le sens-Germinal* d'Emile Zola. Paris: Ed. Hodés-Benjamins, 1985.
- ELIADE, M. *Tratado de historia de las religiones: morfologia y dinámica de lo sagrado*. 2. ed. Madrid: Ed. Cristiandad, 1981.
- GREIMAS, A.J. *Des Dieux et des hommes*. Paris: PUF, 1985.
- SODRÉ, M. *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez Ed., 1990.